

# A PROSTITUIÇÃO EM SÃO PAULO NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX

Margareth Rago  
Deptº de História do IFCH

"L'amour pour les prostituées est l'apothéose  
de l'empathie pour les marchandises "

*W. Benjamin*

Quando a "profissão mais antiga do mundo" se torna um "novo objeto" da História, inúmeros problemas metodológicos se colocam para o historiador. Mais do que em qualquer outro tema, aqui se adentra num mundo povoado por clichês e estereótipos. Lembramos logo da mocinha ingênua que é seduzida pelo noivo e que, abandonada, "cai no abismo da vida", como nos romances românticos, ou da jovem trabalhadora enganada pelo patrão desalmado, que aparece na imprensa operária dos inícios do século atual, ou ainda da garota traficada por gangs organizadas de cáptens cruéis, vilões exploradores do lenocínio, na cidade grande. Constatamos que estamos cercados por fantasmas, por muita literatura e ficção. É inevitável, então, optarmos por um percurso teórico-metodológico que permita o questionamento desses mitos e a desconstrução de representações instituídas como verdades há muito tempo.

Uma importante linha de trabalho sobre a história da prostituição foi aberta recentemente por historiadores contemporâneos, preocupados com as relações entre o submundo e as formas de controle social. No uni-

verso em que circula a prostituta, desvendaram intrincadas redes de práticas disciplinadoras e a constituição de saberes científicos no interior de campos estratégicos de relações de poder: regimes de verdade, na expressão de Michel Foucault, que enunciaram a prostituta como o avesso da "mulher normal", dotada de uma sexualidade excessiva, de pulsões incontrolláveis e de uma racionalidade inferior.

A construção médico-policial do conceito de prostituição na modernidade foi o tema central desses trabalhos historiográficos, do qual se destaca o pioneiro Les Filles de Noce. Misère sexuelle et prostitution au XIXe Siècle, (1978), de Alain Corbin<sup>1</sup>. Marcado tanto pelas teses marxistas quanto pela análise foucaultiana do poder, e ainda por uma história das sensibilidades, herdeira em grande parte da escola dos Annales, o historiador francês procura desfazer os códigos culturais de exclusão da meretriz e mostrar a investida de médicos, chefes de polícia, juristas e filântropos sobre o bas-fond parisiense e de outras cidades francesas, como forma de higienização da cidade e de moralização dos costumes.

Invadindo os espaços do prazer para conhecer por dentro o cotidiano da vida das prostitutas e melhor vigiá-lo, os médicos produzem durante o século XIX volumes detalhados de informações sobre o mundo da prostituição, fundamentais para o historiador contemporâneo, ao mesmo tempo em que assessoram as discussões

---

<sup>1</sup>Alain Corbin - Les Filles de Noce. Misère Sexuelle et Prostitution au XIXe Siècle, Paris, Flammarion, 1978. Importante estudo sobre a prostituição na Inglaterra foi desenvolvido por Judith Walkowitz, Prostitution and Victorian Society: Women, Class and the State. Cambridge, Cambridge University Press, 1980, e por Francis Finnegan, Poverty and Prostitution. A Study of Victorian Prostitutes in York, Cambridge University Press, 1979. No Brasil, Magali Engel analisa o discurso médico sobre a prostituição no Rio de Janeiro, entre 1845 e 1890, em Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasiliense, 1989.

das autoridades públicas sobre as políticas de controle de sexualidade insubmissa. O resultado deste vasto empreendimento moralizador é não apenas a formulação do regulamentarismo e do abolicionismo, principais sistemas de controle da prostituição, mundialmente difundidos, mas a produção da própria identidade da prostituta, marcada por sinais orgânicos facilmente reconhecíveis: quadris largos; testa curta, mandíbula maior do que a da "mulher normal", ou ainda pela composição visual bastante conhecida: roupas decotadas, perfumes extravagantes, maquiagem acentuada, atitudes características<sup>2</sup>.

Alguns estudiosos da condição feminina, de Simone de Beauvoir a Jean Delumeau e Peter Gay<sup>3</sup>, através de uma aproximação de tendência psicanalítica, descortinaram um grande medo por detrás das práticas disciplinadoras e da obsessão normativa. Medo não apenas das epidemias venéreas que poderiam se propagar a partir da zona do meretrício e dos bairros pobres, atingindo as regiões residenciais e os bairros ricos da cidade, mas medo da própria sexualidade feminina, - grande desconhecido -, recoberta por imagens e metáforas assustadoras principalmente no século passado.

Embora praticamente inexistam estudos sobre a história da prostituição em São Paulo, nas décadas iniciais deste século, à exceção do livro de Guido Fonseca, que abrange um período bastante amplo<sup>4</sup>, uma farta documentação revela a presença de meretrizes

---

<sup>2</sup>Exploro um pouco mais esta questão em Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, cap. II

<sup>3</sup>Simone de Beauvoir - O Segundo Sexo, SP, Difusão Européia do Livro, 1968; Jean Delumeau - La Peur en occident, Paris, Fayard, 1978; Peter Gay - A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. A Educação dos Sentidos, SP, Companhia das Letras, 1988. Entendo que os dois últimos autores dedicam-se a temáticas muito mais amplas do que a condição feminina especificamente. No entanto, discutem-na com profundidade e conhecimento em seus trabalhos.

<sup>4</sup>Guido Fonseca - História da Prostituição em São Paulo, SP, Editora Resenha Universitária, 1982

estereotipadas no imaginário social: de um lado, emerge a "femme fatale", poderosa e satânica, à qual é associada a cortesã de luxo; de outro, a vítima inocente, obrigada a cometer o sacrifício da venda sexual do corpo para complementar o salário irrisório, arrecadar recursos para o sustento da família, ou ainda outros dramas exaltados pela literatura romântica desde o século passado.

No primeiro caso, vale lembrar que a partir do momento em que a presença feminina no espaço público se torna um problema discutido por vários setores das classes dominantes no século XIX, a exemplo dos positivistas ou dos médicos e juristas, novos imaginários do corpo feminino privilegiam a figura opaca, poderosamente sedutora de Carmen, Salomé, Circe, Laís, das decadentes prostitutas retratadas por Toulouse-Lautrec, ou de Lola Lola, cantora de cabaré que se impôs tiranicamente sobre nossa imaginação através da atuação de Marlene Dietrich, em O Anjo Azul, filme de 1930, inspirado no romance de Heinrich Mann, de 1904. Vamps e femmes fatales, diabólicas, perversas, impenetráveis como Theda Bara, nos filmes hollywoodianos dos anos 1910, se contrapõem à mulher transparente e silenciosa, docemente perfumada e caseira, em suas vestes brancas e macias, como idealizara Rousseau para ser a companheira perfeita de Emílio, no século XVIII<sup>5</sup>.

A prostituta é, assim, confundida no imaginário social com a figura ameaçadora da "mulher fatal", tanto na literatura quanto nos textos jornalísticos e científicos do período, a exemplo do famoso estudo La Donna Delinquente, la Prostituta e la Donna Normale, de Cesare Lombroso e G. Ferrero, publicado inicialmente em 1893, e que teve grande repercussão em boa parte da intelectualidade européia e brasileira<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>Jean-Jacques Rousseau - Emílio, Rio de Janeiro, Difel, 1979. Ver ainda Elisabeth Badinter - Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

<sup>6</sup>C. Lombroso e G. Ferrero - La Femme Criminelle et la Prostituée, Paris, Felix Alcan, 1896.

Um breve exame das notícias da imprensa paulistana ou dos romances publicados em São Paulo, nos anos 1920, nos mostra o quanto é recorrente a imagem da prostituta vampiresca. Em 1923, por ocasião do assassinato da cortesã Nenê Romano por seu amante, o advogado e poeta Moacyr Piza, que se suicida em seguida, fato que abala profundamente a opinião pública da cidade, a imprensa culpabiliza a prostituta pela tragédia da qual ela havia sido a principal vítima. Assim, segundo o Combate, de 26/10/1923:

"Matou-se Moacyr Piza, o brilhante, o audaz, o valoroso escritor que todo São Paulo admirava. Matou-se depois de ter matado Nenê Romano, a mulher fatal que tinha um rosto de anjo e uma alma perversa". (grifos meus)

Por várias décadas, as notícias da imprensa paulista participam da reelaboração do mito da "femme fatale", satânica e magnética, utilizado para designar a prostituta e absolver os homens dos dramas que os envolveram. Como Nenê Romano, muitas meretrizes das "pensões chics" da cidade, como o "Palais de Cristal", o "Salomé", o "Palais Elegant", foram acusadas de arrastarem o "sexo forte" ao delírio e à perdição, seja ao aderirem ao consumo das drogas que se disseminavam entre a "jeunesse dorée", como o ópio, a cocaína, a morfina, o éter, seja nos casos em que as agrediam ou mesmo assassinavam, ou em que se suicidavam por uma intensa paixão não correspondida. Enquanto os jovens das famílias "respeitáveis" eram amparados pelas autoridades públicas e pelos tratamentos médicos e psiquiátricos disponíveis no período, no caso dos viciados, as meretrizes eram internadas em hospícios de loucos, como o Juqueri<sup>7</sup>

Assim, no discurso do mesmo, que opera segundo a lógica da identidade, a única linguagem capaz de falar da meretriz é aquela que a domestica, aprisionando-a

---

<sup>7</sup>Maiores informações são trabalhadas em nossa tese de doutoramento sobre o tema

no estatuto da doença e da loucura, através de mecanismos sutis do processo de produção discursiva. Incapaz de pensar a diferença, rejeita-se o desviante para os limites da cidade e da normalidade, confinando-o em conceitos científicos "verdadeiros". Portanto, no dizer de médicos e criminologistas, a prostituta está no limite entre dois mundos: no de cá, o da normalidade, dispõe apenas do corpo, literalmente falando, já que é apenas uma mercadoria e exige a quantificação de seu valor de uso.

No entanto, ao tempo em que é apresentada como "degenerada nata", para usarmos uma expressão que fez escola desde Lombroso, a prostituta é vitimizada como aquela que precisa sacrificar-se através da venda desonrada do próprio corpo para enfrentar as dificuldades econômicas da cidade grande. Complementação do salário, luta pela sobrevivência, necessidades materiais de toda ordem são argumentos de explicação da existência da prostituição não apenas reafirmados nos documentos que pesquisamos, mas invocados pela própria produção acadêmica atual<sup>8</sup>

No caso da documentação, muitas vezes as duas figuras polarizadas da meretriz, - a mulher poderosa e fatal para o homem e a vítima ingênua -, são estereótipos que servem para designar uma mesma personagem. Tanto os romances quanto a literatura médica e jurídica, ou os artigos da imprensa dos inícios do século oscilam entre estas duas imagens contrastantes na tentativa de nomear agenciamentos de fluxos desejantes inapreensíveis em sua lógica identitária. O escritor modernista Oswald de Andrade, por exemplo, em seu romance Os Condenados, de 1920, traz à cena a protagonista Alma, jovem, bonita, educada, atraente e fatal para certos homens, porém incapaz de escapar à fatalidade de um destino cruel e deixar de atolar-se na "lama" da vida do submundo. Forte e frágil ao mesmo tempo, é incapaz de compreender o que se passa à sua

---

<sup>8</sup>Ver, exemplo, Raquel Soihet - Condição Feminina e Formas de Violência, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989

volta, e concebe a vida/cidade como um labirinto, beco sem portas que empurra os indivíduos à dor e à morte. Para ela,

"A existência era isso: uma torturada quermesse... Barracas ao vento, bandeiras, muitas bandeiras e a charanga do fonógrafo de goela monstruosa na sala escura, encerada e vasta, ou ao som do piano..."<sup>9</sup>

A dimensão vítima da personagem, condenada irremediavelmente a retornar aos bordéis melancólicos do centro da cidade, predomina sobre seu lado poderoso. Do mesmo modo, Nora, personagem central da novela de Menotti del Picchia, A Mulher Que Pecou, publicada no mesmo ano, vive a cidade de São Paulo como um espaço opressivo e labiríntico, onde os indivíduos se perdem marionetados por forças invisíveis. Caminhando sozinha pelo centro, Nora imaginava o mundo real como algo

"inventado por um mago para apavorá-la como uma tragédia sem sentido, ilógica e incoerente. Ela era um farrapo da vida, arrastado na vertigem que levava os outros, folhas como ela, da mesma árvore ignorada e trágica, a mercê do mesmo vento de fatalidade, rolando para baixo (...)"<sup>10</sup>

Evidentemente, ela "cai" na "vida fácil" como Alma, independente de sua própria vontade, mas não sem deixar rastros da destruição que semeia entre os homens

Em relação à produção acadêmica, corremos o risco de sermos capturados por esta representação negativa do fenômeno, que vitimiza a "mulher pública" Afinal,

---

<sup>9</sup>Oswald de Andrade - Os Condenados. I, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1970, p. 11. Ver ainda Margareth Rago - "Prazer e Perdição: A Representação da Cidade na Literatura Paulista dos Anos Vinte", in Revista Brasileira de História, vol. , nº 13, SP, Ed. Marco Zero, 1987.

<sup>10</sup>Menotti del Picchia - A Mulher Que Pecou, SP, Editora Martins.

não faz muitas décadas que se abriu mão da concepção segundo a qual a sexualidade feminina exigia muito pouco, ao contrário da masculina. "O amor da mulher pelo homem não é um sentimento de origem sexual, mas uma forma destes devotamentos que se desenvolvem entre um ser inferior e um ser superior." (p. 115), afirmava o dr. Lombroso, entre alucinado e convicto. Muitos cientistas do século passado, para não dizer grande parte da sociedade, compartilhavam destas convicções. Por isso mesmo, aceitava-se como uma "evidência" (Foucault) a configuração de um espaço geográfico da cidade exclusivamente destinado ao alívio dos impulsos libidinais do "sexo forte", mais necessitado e explosivo do que os da mulher.

É possível afirmar que grande parte dos trabalhos acadêmicos dedicados ao tema da prostituição, mesmo os mais recentes, permanecem num plano normativo que os induz a buscarem uma explicação para a existência das práticas de comercialização do prazer sexual e a privilegiarem os fatores econômicos como causas determinantes. Embora não esteja negando a implicação destes dois campos da vida social, acredito que se estabelecem deste modo relações de exterioridade entre esferas - as condições econômicas e a sexualidade -, que não são imediatamente redutíveis uma à outra. Além do mais, nesta operação conceitual, a prostituta é vitimizada como espírito (ou corpo) frágil e pouco criativo, que sucumbe facilmente às tentações da cidade moderna, diante das primeiras dificuldades materiais. Reforça-se, assim, toda uma longa argumentação construída ao longo dos séculos na cultura ocidental de que a mulher é dotada de um nível mais baixo de racionalidade do que o homem, necessitando tal qual uma criança ser mais controlada, reprimida e dirigida na direção correta de sua vida<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup>Ver Martha Vicinus - Suffer And be Still. Women in the Victorian Age, Indiana University Press, 1972; Jeffrey Weeks - Sex, Politics and Society. The Regulation of Sexuality Since 1800, New York, Log Group Limited, 1981; Shoshana Felman - La Folie et la Chose Littéraire, Paris, Ed. Seuil, 1978, para a discussão destas questões.



A sedução que esta forma de explicação provoca, associando fatores econômicos à existência da prostituição é compreensível, já que a grande maioria das prostitutas de que se tem notícia provinha das camadas sociais mais desfavorecidas. Contudo, limitaríamos as possibilidades de abordagem histórica do tema se nos detivéssemos apenas no privilegiamento de uma perspectiva negativa para pensar o universo das práticas sexuais ilícitas. A prostituição ficaria reduzida à condição de resposta diante de uma situação de miséria econômica, perdendo-se outras dimensões que a caracterizam.

Insisto: não se trata de negar a relação existente entre o crescimento da prostituição e as condições econômicas, como, por exemplo, a estrutura do mercado de trabalho, sempre mais fechado para a participação feminina, ou ainda, sua relação com o aumento da população masculina em determinado momento histórico, como com o surto da imigração no país. Entretanto, o crescimento da população masculina numa determinada sociedade, a meu ver, poderia explicar igualmente o aumento da homossexualidade, ao invés da prostituição feminina.

Finalmente, ainda em relação ao privilegiamento do primado econômico, vale notar que a prostituição é frequentemente focalizada neste contexto como uma prática de resistência. A prostituta, sujeito unitário auto-consciente, segundo esta lógica, se caracterizaria por rejeitar a ordem burguesa, insubordinando-se contra os caminhos normalmente e normativamente destinados à mulher: o casamento e a maternidade. Optando pela vida do submundo, comercializando sexualmente seu corpo, estaria realizando as fantasias eróticas e sexuais que as "mulheres honestas" invejariam. Ainda aqui, a prostituição seria vista como resposta: transgressão à lei, à norma, ao interdito sexual.

Penso que dificilmente se poderia imputar à prostituta uma opção tão heróica e racional. É claro que a possibilidade existe, mas é bom lembrar que foram inúmeros os casos de meretrizes que se retiraram da "vida fácil" tão logo encontraram boas oportunidades. Seria forçado demais querer enxergar nas práticas da comer-

cialização sexual do corpo feminino apenas o desejo de escapar à condição de "rainha do lar", como ocorre em alguns romances paulistas dos anos vinte.

Nosso trabalho procura, então, captar a dimensão positiva que caracteriza o mundo da prostituição na cidade em processo de crescimento e expansão sócio-econômica, como a São Paulo dos anos 1910 e 1920. É Foucault quem nos alerta para os problemas de se considerar as práticas sociais segundo a lógica do negativo, perdendo assim aquilo que constitui a singularidade do fenômeno. E, no caso das "territorialidades marginais", recorrendo ao conceito de Deleuze e Guattari, o privilegiamento de noções como transgressão e desordem manteria a análise referenciada pelo eixo da ordem e da lei<sup>12</sup>.

Evidentemente, o conceito de positividade com o qual se trabalha aqui se vincula a um plano de valoração moral, mas visa recusar um tipo de explicação que parte daquilo que escapa ao universo da prostituição, entendendo-o negativamente apenas em referência a um centro da normalidade<sup>13</sup>. Em outras palavras, o mundo dos prazeres ilícitos afirma determinadas formas de expressão social e individual, algumas das quais são bem-vindas pela sociedade da época. Do mesmo modo, é necessário afirmar que nem todas as mulheres que se prostituem pretendem apenas transgredir os rígidos códigos sociais, como fugir ao casamento, ou responder a situações opressivas.

Além de criar condições para a aproximação entre os indivíduos enquanto espaço de sociabilidade num momento em que poucas opções de lazer se ofereciam na cidade, o mundo da prostituição possibilitou a emergência de novos modos de funcionamento desejante, a

---

<sup>12</sup>Michel Foucault - A Arqueologia do Saber, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986; G. Deleuze e F. Guattari - Mille Plateaux, Paris, Les Editions de Minuit, 1980; ver ainda Nestor Perlongher - "Territórios Marginais", (mimeo).

<sup>13</sup>Ver a respeito Judith Belladonna - "Folles Femmes de Leurs Corps", Recherches nº 26; Nestor Perlongher - O Negócio do Michê - A Prostituição Viril em São Paulo, SP, Brasiliense, 1987.

manifestação de formas coletivas e diferenciadas de circulação dos fluxos desejantes. Por mais condenável que pudessem ser estes "territórios existenciais" (Guattari) para determinados setores sociais, possuíam o seu secreto ou espetacularizado charme para muitos. É nesta direção que desejo problematizar determinados aspectos da história da prostituição em São Paulo, nas décadas iniciais deste século.

## PRAZER E SOCIABILIDADE NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO

Neste momento de acentuadas transformações urbanas, constitui-se uma ampla maquinaria da prostituição, que implica a proliferação de bordéis, "pensões alegres", "casas de tolerância", cabarés e rendez-vous nas áreas centrais e comerciais da cidade: ruas Líbero Badaró, Senador Feijó, Benjamin Constant, inicialmente, passando progressivos deslocamentos geográficos para a Avenida São João, Rua das Timbiras, Amador Bueno, Carmen Cintra, conforme as exigências das reformas urbanas impulsionadas pelo desenvolvimento econômico. Somente na década de 1940, assiste-se à implementação do confinamento oficial das prostitutas no bairro do Bom Retiro e, em 1954, à política oposta de desconfinamento efetivada pelo governador Lucas Nogueira Garcez.

O surgimento de micro-instituições subjacentes, como cafés-concertos, bares, restaurantes, teatros e cinemas atrai a burguesia endinheirada, os políticos, advogados, estudantes, comerciantes, trabalhadores e marginais de todos os tipos, ansiosos por conhecerem as novidades do mundo moderno. Assim, nestes estabelecimentos que proliferam entre a década de 1890 e os anos vinte, difundem-se muitas práticas eróticas e sexuais já conhecidas nos centros culturais do mundo, como Londres e Paris. Shows de strip-tease, danças do ventre, revistas e fotos pornográficas, filmes de "gênero livre", objetos de excitação/flagelação sexual fazem parte de uma cultura erótica que, de certo modo, era solicitada por vários setores da sociedade, ávidos por consumirem em todos os sentidos as novas mercado-

rias produzidas e importadas dos principais centros culturais da Europa.

Embora condenando a difusão das novas práticas desejantes, os jornais da época informam sobre as transformações dos hábitos de consumo sexual da sociedade paulista. Segundo O Correio Paulistano, importante órgão da imprensa oficial, no bordel "Palais Elégant", situado à rua Conselheiro Crispiniano, homens e mulheres jogavam a noite inteira, ou juntavam-se em "orgias pavorosas", dançando "can-cans infernais", ao som das "canções livres" e das "melodias de bordel". ("Palais Elégant", Correio Paulistano, 29/05/1896).

Décadas depois, a revista O Parafuso, de 28/04/1920, chamava a atenção da opinião pública para os "Ecos de uma desordem na Pensão Royal". "Casa de tolerância" frequentada por deputados, senadores, coronéis e jovens da elite paulistana contava com o apoio da polícia para abafar os escândalos noturnos, cujos ecos ressoavam pela cidade. Ao mesmo tempo procurava denunciar o "Bar do Municipal" como um

"centro elegante onde se reúnem os homens desavergonhados e as marafonas de luxo na toilette e de sífilis no corpo."  
(O Parafuso, 31/03/1920)

Os memorialistas, por sua vez, constroem uma visão mais edulcorada do cotidiano dos bordéis e das instituições adjacentes, apontando para sua dimensão positiva enquanto espaço de sociabilidade. Paulo Duarte, em suas Memórias, refere-se à "Pensão de Artistas" da rua Amador Bueno, onde passava "noitadas" alegres e descontraídas, ao lado dos boêmios da cidade, entre os quais muitos jornalistas, advogados, escritores ou estudantes da Faculdade de Direito, Segundo ele:

"ceávamos ou aí muitos ficavam para dormir e essas noitadas eram de uma alegria perfeitamente sa. (...) O que realmente fazíamos era comer bem, sempre com um vinho bom, fosse ele francês, alemão, suíço ou italiano, fazer piada e até discutir os nossos autores prediletos"  
(...), 14.

---

<sup>14</sup>Paulo Duarte - Memórias, vol. I. p. 122.

Embora dessexualize o bordel em seu registro do passado, ao transformá-lo num misto de clube, salão literário e bar, omitindo a razão central de sua existência, vale destacar sua função de ponto-de-encontro de determinados grupos sociais masculinos, de idades, profissões e classes diferenciadas. Acompanhados das meretrizes estrangeiras e nacionais e de toda uma corte de empregados, - costureiras, arrumadeiras, garçons, cozinheiras, músicos, porteiros, meninos de racados, "chauffeurs", etc. -, refaziam suas redes de interação social numa nova forma de sociabilidade, seja estabelecendo contatos políticos, "batendo papo", contando piadas, socializando suas experiências amorosas, seja escutando música ou escrevendo poemas e romances, que não eram levados para os interiores dos lares pacatos.

Segundo entrevista oral que realizei com Madame O., ex-costureira francesa que conheceu de perto o mundo paulistano da prostituição e hoje conta com mais de 80 anos de idade, músicos profissionais das orquestras que se apresentavam nos teatros elegantes da cidade complementavam seus salários, alegrando as noites boêmias dos cabarés e das "pensões chics", onde se procurava reproduzir o encanto da Belle époque parisiense. No "Salomé", no "Palais de Cristal", na "maison" de Mme Suzanne Valmont, as pessoas se reuniam não apenas para a satisfação dos prazeres sexuais imediatos. Segundo Mme O.:

"havia muito nessas casas de rendez-vous que de noite tinha jogo - a cartiada. Todo mundo jogava cartas, não esse pif-paf, que aquilo não existia naquele tempo. Era jogo de poquer e havia coisas interessantes. Os homens iam lá passar o tempo. é, não havia muito lugar para ir." (Entrevista de 04/08/1989).

Uma outra função positiva desempenhada pela prostituição é salientada por Oswald de Andrade, em suas memórias<sup>15</sup>. Lembra que "o bordel passou a ser um ideal para a mocidade de meu tempo." Moços da elite ou das camadas menos privilegiadas da população eram introduzidos nas artes do amor pelas meretrizes, com quem às vezes conviviam por algum tempo numa relação mais constante.

É claro que segundo as crenças de nossos avós e bisavós, deste modo preservava-se a virgindade e castidade das futuras esposas, ao mesmo tempo em que se permitia que os rapazes arrefecessem parte do "fogo interno", característico da juventude, antes de instalarem-se em relações monogâmicas fiéis e definitivas no casamento. Certamente, esta concepção diferenciada das necessidades sexuais de moços e moças supunha a representação de que a sexualidade masculina era mais explosiva do que a feminina, mito que predominou no Brasil, ao menos, até a década de 1970, no mínimo.

Alguns romances da época, a exemplo de Madame Pommerly, de Hilário Tácito, pseudônimo de José de Toledo Malta, publicado em 1919, revelam a importância atribuída ao "rito de iniciação sexual" dos rapazes pelas prostitutas na cidade. Segundo o narrador, no bordel de Mme Pommerly, "Au Paradis Retrouvé":

"Os rapazes da melhor roda e de melhores roupas, ostentavam com orgulho amostras de familiaridades com as alunas do Paradis, prestigiadas altamente pela taxa centesimal. Era o melhor meio de revelar hábitos de vida noturna fidalgos e invejáveis e, ao mesmo tempo, a certidão e prova de autenticidade daquele feitio paradisiaco de linguagem, de gestos e de vestuário que os sublimava e distinguia entre toda a sociedade".<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup>Oswald de Andrade - Um Homem Sem Profissão, sob as Ordens de Mãe, RJ, Editora Civilização Brasileira, 1974.

<sup>16</sup>Hilário Tácito - Madame Pommerly, São Paulo, Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1977.

A citação acima é bastante elucidativa ainda em relação a um outro ponto fundamental nesta avaliação das funções positivas desempenhadas pelo mundo da prostituição, no período. Grande parte das prostitutas eram estrangeiras, - francesas, polacas, italianas, portuguesas, espanholas -, e percebidas como mulheres mais experientes, portadoras do progresso. Associadas às sociedades européias de onde provinham, tornavam-se símbolos da modernidade e da civilização. Nesse sentido, participar do universo da prostituição para os "coronéis" endinheirados, fazendeiros, comerciantes e boêmios provincianos da São Paulo em processo de modernização significava inscrever-se em uma outra temporalidade, viver um nova era inaugural - a modernidade, à qual opunham a representação de um passado colonial escravista, sombrio e atrasado.

Não é de se estranhar que, embora o número percentual de prostitutas nacionais fosse maior do que o das estrangeiras, nas poucas estatísticas oficiais existentes, estas ocupassem a maior parte dos espaços nas notícias da imprensa, nos relatórios policiais, tratados médicos, ou nos romances então produzidos sobre a prostituição. A ameaça representada outrora pela escrava e ex-escrava negras nas pequenas cidades ou no interior das fazendas deslocava-se, desde o surto migratório do final do século, para a figura da prostituta estrangeira, no imaginário social. Loiras, rui-vas, experientes, poderosas e diabólicas, as prostitutas estrangeiras passavam a ser percebidas de maneira ambígua: como "civilizadoras" de um lado, mas como "corruptoras" de inocentes, de outro.

Contudo, vale notar a importante função "civilizadora" que a época atribui a essas mulheres, encarregadas de abrir os jovens ao encontro da alteridade, como nos sugere a documentação pesquisada. São constantes as referências à destilação de hábitos refinados que proporcionavam aos rudes fazendeiros e, de certo modo, a toda a sociedade. Pois, não raro, as mulheres da elite copiavam as modas parisienses que as prostitutas desfilavam nas ruas e teatros. Possivelmente, incorporavam gestos e condutas valorizados como mais avançados e civilizados pela sociedade da época, na figura das cortesãs de luxo.

Oswald de Andrade lembra que muitas das prostitutas que viviam nos bordéis de luxo da cidade acabaram casando-se com senhores "respeitáveis", pois sabiam prender muito mais os homens do que as sisudas sinhas da reza e da tradição." (p. 55) Esta afirmação nos leva a pensar que a separação entre o mundo da prostituição e o da respeitabilidade burguesa ainda não era tão rígida, ao menos empiricamente. Nas zonas comerciais da cidade, como a rua Florêncio de Abreu e Largo do Arouche habitavam tanto famílias de posse, quanto prostitutas refinadas preparadas nos bordéis mais sofisticados. Esta impressão é confirmada ainda por depoimentos que nos mostram que famílias e prostitutas frequentavam os mesmos espaços de sociabilidade, a exemplo da Confeitaria Castelões, do Teatro Politeama ou, posteriormente do Teatro Municipal, embora às vezes alternassem os horários propositadamente.

No bordel, aprendiam-se regras de civilidade, hábitos mais sofisticados de convivência social, como mostra ainda o já citado romance de Hilário Tácito. Juntamente com a venda sexual do corpo feminino, o mundo do prazer destilava códigos modernos de sociabilidade. Portanto, o bordel ou o cabaré tornaram-se espaços culturais importantes na vida urbana, num momento em que as opções de lazer ainda eram muito reduzidas. Porteiros que cumprimentavam em francês introduziam os mais afortunados em interiores que procuravam reproduzir de ponta a ponta o original parisiense, inclusive no nome: "Moulin Rouge", "Follies Bergères", "Salão Paris", "Cabaret de L'étoile de Montmartre", onde se encontravam as "francesas" e polacas, reais ou produzidas, compondo um cenário Belle époque fascinante na época.

Não obstante a crescente onda de recriminações moralistas de médicos e autoridades públicas, de filântropos ou da imprensa dos inícios do século, em São Paulo, o leque das práticas desejantes subsumidas no conceito da prostituição não cessou de multiplicar-se e de especializar-se. A prostituição foi vivenciada como linha de fuga da constelação familiar, da disciplina do trabalho e dos códigos normativos convencionais; isto é, como lugar de desterritorialização in-



tensiva e de constituição de novos territórios do desejo<sup>17</sup>.

Neste espaço, puderam emergir outros modos de funcionamento desejante, anárquicos, microscópicos, diferenciados, que não se explicam apenas enquanto transgressão à norma. Hiroito de Moraes Joanides, considerado "rei da boca" nos anos 1950, relata em suas memórias, que vivia maritalmente com três mulheres, todas prostitutas, que respeitavam tranquilamente a hierarquia que se estabelecera entre elas<sup>18</sup>. Muitas vezes, uma delas interferia positivamente no relacionamento dele com as outras, quanto este sofria algum tipo de abalo, forçando-os à reconciliação. Até mesmo ele tem grande dificuldade em compreender este tipo de comportamento feminino. Nem sempre os "coronéis" exigiam fidelidade de suas amantes-prostitutas, desde que não estivessem presentes. Não necessariamente as meretrizes disputavam sexualmente (e não financeiramente) o mesmo homem, podendo dividi-lo sem maiores problemas, embora o oposto também pudesse ocorrer. Enfim, somos levados a admitir que no universo da prostituição operavam outros modos de funcionamento do desejo, os quais dificilmente podemos explicar se tomarmos como parâmetro da normalidade as formas de manifestação dos afetos, sentimentos e pulsões libidinais definidas pelo discurso vitoriano e vivenciados segundo as regras e valores estabelecidos no mundo da respeitabilidade burguesa.

Contudo, se no mundo do bordel, homens e mulheres vivem possibilidades de perda da identidade na relação sexual, de desterritorialização subjetiva ao invertirem papéis, dramatizarem situações, darem espaços à manifestação de pulsões irreprimíveis, mas irrealizá-

---

<sup>17</sup>Ver Nestor Perlongher, op. cit., e Suely Rolnik. Cartografia Sentimental da América. A Produção do Desejo na Indústria Cultural, tese de doutoramento, PUC, 1987, para a utilização destes conceitos

<sup>18</sup>Hiroito de Moraes Joanides - Boca do lixo, SP, Edições Populares, 1978

veis na relação conjugal normalizada, é diferente a maneira pela qual um e outro as experimentam. Para a mulher que se torna prostituta, há todo um ritual de passagem, uma forma de integração na cultura do sub-mundo. Este passa por mudar o visual, a cor dos cabelos, o tipo de roupa, realçar as formas físicas, incorporar novos gestos e o vocabulário da "zona", fazer o "tipo" que agrada ao freguês, adotar apelidos como Lulu, Lili, Mimi, Jeannette, que a tornam uma outra pessoa sem vínculos familiares expressos no sobrenome, e ainda aprender o jogo das representações a que é destinada para satisfazer o desejo do outro.

Por outro lado, mesmo sendo caracterizada como uma figura extremamete nômade, - e os textos médicos são exemplares para esta definição da meretriz -, esta não sofre um processo de desterritorialização absoluta, ao contrário do homossexual. Ela é recapturada perversamente nas finas teias da relação com o cafetão, com a proprietária do bordel, ou por sua própria paixão masoquista pelo gigolô, principal ponto de referência em sua vida.<sup>19</sup> Muitas vezes, a relação que se estabelece entre prostitutas e freguês reproduz o modelo burguês da relação conjugal monogâmica, a exemplo da famosa dupla da São Paulo dos anos vinte, o "coronel" e seu "rabo de saia", instalada numa casa à parte. Muitas prostitutas, além do mais, retiraram-se da prostituição assim que encontraram melhores oportunidades de vida, seja casando-se com eventuais pretendentes, seja economizando algum dinheiro e abrindo um bordel próprio ou pensão, ou ainda ingressando em outro ramo profissional

---

<sup>19</sup>Sobre a relação cáften -prostituta e a importação de prostitutas por gangs organizadas nos inícios do século na América do Sul, trabalhei um artigo recente: "Nos Bastidores da Imigração: O Tráfico das Escravas Brancas", in Revista Brasileira de História, vol. 09, nº 18, São Paulo, Marco Zero, 1989. Moacyr Scliar escreveu um lindo romance sobre este tema: O Ciclo das Águas, Porto Alegre, Editora Globo, 1979

Para finalizar, gostaria de destacar um outro aspecto do estudo sobre a história da prostituição. Ao mesmo tempo em que nos permite conhecer o universo da sociabilidade masculina mais especificamente e as formas de manifestação do desejo que uma determinada época vivenciou, o tema abre a possibilidade de discutir uma questão não menos importante: a da condição feminina e de seus fantasmas. Pois, embora a prostituição tenha sido um assunto exclusivamente reservado aos homens, na virada do século, assim como todos os assuntos públicos, ela permaneceu como uma presença silenciosa sinalizando o comportamento de todas as mulheres por muitas gerações.

Limite que a "mulher normal" não deveria ultrapassar, a prostituição apareceu como sinal vermelho impedindo qualquer expansão do gesto e do desejo femininos: os manuais de etiqueta dos inícios do século insistem veementemente sobre a importância do recato da mulher, da sobriedade de sua aparência, da contenção dos impulsos corporais. Ao contrário das meretrizes, as mulheres "honestas" deveriam se caracterizar por hábitos sedentários, pela impassibilidade da expressão facial e por tudo aquilo que revelasse sua condição moral e social. Na Revista Feminina, de fevereiro de 1920, endereçada às mulheres das camadas média e alta, Ana Rita Malheiros advertia suas leitoras contra os perigos deste tipo de confusão. Dizia ela:

"Como exigir o respeito que se deve às mulheres honestas se nos vestimos como as hetairas, se fumamos como fumam as favoritas dos haréns, se nos enchapanamos como as marafonas, se nos debruçamos aos ombros dos homens como o fazem as chinas embriagadas e se chegamos - já se chegou a isso! - a fazer, a apregoar, no "grande mundo", as célebres farras?"

Basta, aliás, lembrar que uma das principais maneiras de agredir uma mulher até recentemente era chamá-la de "puta". A liberação sexual e as transformações dos costumes deslocaram esta adjetivação para associar a transgressora à figura da lésbica, ao menos no Brasil dos últimos anos

Penso ser possível aventar a hipótese de que o interesse que médicos, juristas, chefes de polícia, filântropos e escritores revelaram pelo desvendamento do cotidiano do mundo da prostituição no passado esteve menos ligado a uma preocupação social com a sorte das prostitutas empiricamente consideradas, do que com a ameaça representada pela entrada da mulher em geral no espaço da vida pública. Entrada que muitos procuraram obstaculizar ou então controlar.

Nesse sentido, a prostituição foi construída como um fantasma extremamente poderoso direcionado para as jovens, esposas e irmãs das famílias "respeitáveis", ou ainda para as trabalhadoras dos setores mais pobres da população, sempre associadas a uma tendência natural de gosto pela promiscuidade e de inclinação para os vícios<sup>20</sup>.

Creio que, ainda hoje, mulheres de gerações diferenciadas carregam o peso dos preconceitos amplamente difundidos e dos valores morais internalizados, que definiram rigidamente o papel e o lugar de cada uma é quase impossível não lembrar neste momento o quanto é recente, em nossa experiência histórica, o delineamento ainda tênue de uma mudança nos critérios mobilizados para definir a condição da "mulher pública". Outra identificada por critérios morais, a presença feminina no espaço público vem progressivamente sendo avaliada do mesmo modo pelo qual se define a participação masculina: pelo conceito do trabalho, por sua atividade profissional e mesmo por sua atuação política. Esta me parece uma conquista fundamental, com todas as necessidades de reflexão e discussão que possa implicar.

---

<sup>20</sup>Ver os artigos publicados na revista acima citada, organizada por Maria Stella Bresciani e dedicada à "A Mulher no Espaço Público" para um aprofundamento destas questões